

SAÚDE. Reitor da Ufal, Eurico Lôbo tranquiliza a população alagoana quanto ao novo modelo de administração do Hospital Universitário, que aderiu à proposta da recém-criada Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

“O HU vai continuar um hospital 100% público”

CARLA SERQUEIRA
REPÓRTER

Nascido em Pernambuco, Eurico Lôbo é formado em Química pela Universidade de Brasília (UnB). Fez mestrado e doutorado na Université Du Maine, na França. Há quase uma década, participa diretamente da administração da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Foi, durante oito anos, vice-reitor, e desde o dia 3 de dezembro de 2011, assumiu a reitoria. “Apesar da experiência, sentar na cadeira de reitor é outra história. Administrar a universidade é um processo muito complexo”.

Entre seus maiores desafios estão o Hospital Universitário (HU) e a qualificação dos cursos criados com o processo de interiorização da Ufal. “Eu diria que iniciamos o ciclo qualitativo desta expansão”, disse ele, em seu gabinete, na manhã da última sexta-feira, quando conversou com a *Gazeta*.

Eurico Lôbo parece entusiasmado com os novos rumos do Hospital Universitário, que já aderiu à proposta da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). Enquanto explicava como vai funcionar o novo modelo de administração do HU, ele fez questão de ressaltar, por mais de uma vez, a manutenção do caráter social do hospital. “O HU continuará sendo um hospital público, 100% SUS, de referência para a sociedade alagoana”. Ele criticou a oposição, que fala em privatização através da Ebserh. “Esta fala é um desserviço colocado para a sociedade”.

O reitor atribuiu a recente suspensão temporária de serviços no HU a problemas pontuais de repasses de recursos e garantiu que o hospital não vai fechar as portas. Ao contrário, Eurico Lôbo anunciou novos leitos e a contratação de 14 médicos, em parceria com a Prefeitura de Maceió. Na entrevista, ele também comemora a criação do curso de Medicina em Arapiraca e confirma a oferta de 60 vagas na região, além da contratação de 60 professores. Confira.

Gazeta. Qual a real situação do HU?

Eurico Lôbo. O HU passa, como todos os hospitais universitários do Brasil, por um processo de reestruturação, de redefinição do seu papel. A maioria deles aderindo à Ebserh [Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares]. Antes de qualquer coisa, é importante frisar que o HU continuará sendo um hospital público, 100% SUS, de referência para sociedade alagoana. O HU vai continuar prestando serviço à comunidade, sendo um hospital de ensino, de pesquisa e de extensão. O HU vai continuar mantendo suas atividades normais e enfrentando todos os desafios de um hospital universitário que atende a 97% da população alagoana, que não têm plano de saúde.

Por que recentemente o HU teve que suspender atendimentos, exames e cirurgias?

Isso foi uma ação absolutamente pontual. O processo de financiamento do hospital depende de recursos públicos, recursos federais. O governo federal teve o orçamento aprovado no fim de abril, início de maio. Ao mesmo tempo, alguns recursos derivados do Projeto Cegonha, que são transferidos através da prefeitura municipal, não foram repassados. Foi neste período que o hospital teve um problema pontual, circunstancial. Mas, com uma semana de tratativas nossas em Brasília, para liberação do orçamento, e junto ao secretário municipal de Saúde, doutor João Marcelo, que



EURICO LÔBO
REITOR DA UFAL

“O HU vai continuar prestando serviço à comunidade, sendo um hospital de ensino, de pesquisa e de extensão. O HU vai continuar mantendo suas atividades normais e enfrentando todos os desafios de um hospital universitário que atende a 97% da população alagoana, que não têm plano de saúde”

tem sido uma pessoa absolutamente proativa com a universidade, o hospital voltou a funcionar na sua normalidade.

Um acordo mediado pelo Ministério Público do Trabalho vai abrir 18 leitos no HU?

Há muitos anos que a universidade tentava fazer um acordo envolvendo o município. No último dia 4 de junho, conseguimos fechar um acordo que deve ser comemorado. Mais uma vez, com a participação significativa do secretário municipal de Saúde, no sentido de gerar leitos. Nosso objetivo, do ponto de vista de hospital público, é ter a possibilidade de ampliar serviços. Tínhamos espaços preparados para receber mais pacientes, mas havia carência de pessoal. E este acordo, intermediado pelo Ministério Público do Trabalho, tem este objetivo: qualificar novos serviços para o atendimento da população, dividindo custos. Dezoito leitos serão viabilizados, com a contratação temporária de 14 médicos: um radioterapeuta, um radiologista, seis obstetras e seis pediatras neonatologistas.

O HU funcionava atendendo abaixo da sua capacidade?

Na verdade, esta é a grande questão dos hospitais universitários pelo Brasil afora. Foi exatamente esta situação que gerou a Ebserh. Os hospitais universitários como um todo tem um contingente de pessoal contratado através de fundação, da Fundep. São contratos precários. Existe, inclusive, uma determinação do Tribunal de Contas e do Ministério do Trabalho para demissão desse pessoal. O governo brasileiro então resolveu criar a Ebserh para, entre outras questões, garantir aos hospitais universitários a contratação através de concurso público que pudesse regularizar a situação. Hoje, temos em Alagoas 259 servidores nesta situação, mas no Brasil são 28 mil, nos 46 hospitais universitários. O governo criou esta empresa para resolver esta questão.

A oposição diz que a Ebserh é hospitais universitários. O senhor afasta totalmente esta possibilidade?

Esta fala da privatização é um

desserviço que é colocado para a sociedade. Este aqui é o contrato da Universidade Federal do Maranhão. Nele, está claro: o objetivo é a administração pela contratada do hospital universitário, compreendendo a oferta à população da assistência médica, hospitalar, ambulatorial e de apoio de diagnóstico terapêutico no âmbito do sistema SUS, bem como o apoio ao ensino, à pesquisa, à extensão, ao ensino e aprendizagem, e à formação no campo da saúde pública, na forma e condições definidas neste contrato e na lei [que criou a Ebserh], vedado o atendimento a pacientes de convênios e particulares.

Mesmo com a Ebserh, não há risco de atendimento privado no HU?

Está no contrato: o serviço vai continuar 100% SUS, público e não poderá atender a convênios particulares. Recentemente, eu dizia no HU: não serei o reitor que vai assinar um contrato com a Ebserh para alterar a natureza pública do hospital. Acho um absurdo que se fale em privatização. Podemos discordar do ponto de vista político, ideológico, do hospital ter este sistema de contratação, que será através da CLT [Consolidação das Leis do Trabalho]. Podemos discordar deste modelo, como vejo fazendo lideranças públicas importantes, que atuam na área da saúde.

Quando a Ebserh deve iniciar os trabalhos em Alagoas?

Fizemos um termo de adesão. O termo foi para Brasília. Como acontece com todos os hospitais, eles fazem um diagnóstico da infraestrutura e de pessoal, analisam a possibilidade de ampliação de serviços, e a partir disso, é estabelecido um protocolo que leva ao contrato. Naturalmente, este contrato será discutido. Vamos levá-lo para a Procuradoria Federal. O fundamental é que o caráter público vai ser mantido, não existe nenhuma possibilidade de alteração disso. Esta foi a luta dos reitores quando foi criada a Ebserh. Não poderíamos colocar o hospital universitário dentro de uma relação de fragilidade com a sociedade. Ocorre que, entre quem é contra, há, muitas vezes, outros interesses discutidos

que não é o hospital universitário. São interesses de outras naturezas.

O HU está prestes a viver tempos melhores então?

Estou estudando *pari passu* todos os contratos com a Ebserh. Tenho observado, estatisticamente, a alteração do número de funcionários por leito. A todo reitor que assina um contrato, pergunto quantos leitos foram contratados e o número de funcionários por leito. A média fica entre cinco e seis funcionários por leito. Hoje, temos uma média de 3,5 funcionários por leito no HU. Significa dizer que devemos ter ampliação do número de funcionários, após a assinatura do contrato.

Mas o que vai garantir esta ampliação?

Está preconizado na condição ideal de trabalho estabelecida pela empresa. Temos uma relação histórica de déficit de pessoal no HU há mais de dez anos. Essa luta nunca foi vencida. É onde entra a Ebserh. Na transição, o ex-presidente Lula disse que a questão de pessoal não será resolvida com concurso no sistema estatutário, só através da Ebserh. O governo vem tratando os hospitais universitários sob duas óticas: infraestrutura e pessoal. Há mais ou menos três anos, foi lançado o Rehuf [programa de Reestruturação dos Hospitais Universitários] para investimento em equipamentos e infraestrutura. O HU ganhou equipamentos de primeira geração. Mas dentro desta reestruturação, há o problema crítico de pessoal.

E o que o HU planeja fazer para resolver este problema a curto prazo?

O acordo com o município é um caminho. Nos últimos cinco anos como vice-reitor, acompanhei de perto a luta da nossa magnífica reitora [Ana Deyse]. Foram 'n' reuniões dentro do Ministério Público do Trabalho, com a prefeitura e o Estado. Mas não foi possível esta tratativa. Só agora conseguimos. Teremos uma ampliação de serviços, com base neste acordo que é temporário, até assinarmos o contrato com a Ebserh, que já vem prevendo ampliação de pessoal. Não tem definido o

quantitativo, mas no momento de formalização do contrato, teremos uma estimativa.

Então, no próximo ano teremos concurso?

Acredito que ainda este ano, através da Ebserh. Seguramente assinaremos o contrato até dezembro. Com o contrato assinado, a ação é imediata. Os hospitais que contrataram a Ebserh já estão concursando, como Maranhão, Piauí, a UnB [Universidade de Brasília] e Triângulo Mineiro. Uma das nossas exigências é de que a indicação do corpo dirigente da Ebserh seja do quadro de saúde da própria universidade. Em algumas ocasiões, alegaram que o superintendente podia ser indicado por João, Maria, José... Nossa luta é que a gente possa fazer a indicação dentro do HU, com pessoas da estrutura pública da universidade.

Quantos hospitais já aderiram à Ebserh?

Dos 46 hospitais universitários do Brasil, 33 já aderiram. Tem mais cinco hospitais que não são universitários, são de municípios, mas que são vinculados a escolas, universidades ou faculdade de Medicina, e que a prefeitura está passando para a escola para que ela faça a adesão a Ebserh. Por quê? Garantia de funcionamento. O funcionamento de um hospital é muito caro. E por que até agora só tem 33 adesões? Por situações de várias naturezas. Tem dois hospitais universitários que eu conheço e que disseram não. Eles estão num momento de transição, com eleição acontecendo. Como este debate é tenso, eles resolveram esperar por um calendário mais adequado. Mas no Nordeste, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia aderiram. Alagoas poderia ser diferente?

Foi anunciado que Arapiraca vai ganhar um curso de Medicina em 2015. O que há de garantia para que ele funcione?

Há um movimento de expansão dos cursos da área médica pelo país afora. Sobre tudo para regiões do interior. É um projeto do governo que visa ampliar o número de médicos para atendimento da população. Eu chamaria uma equalização da presença dos médicos nas diferentes regiões. Para Arapiraca, estão previstas 60 vagas. Outras 20 vagas serão para ampliação do curso de Medicina em Maceió. Em Arapiraca, teremos também 60 vagas de professor e 30 para técnicos, de nível médio e nível superior. Temos aporte de recursos, para custeio e capital, de aproximadamente R\$ 28 milhões. Este é um projeto previamente aprovado. Estamos concluindo o projeto arquitetônico para licitar a construção do prédio de Arapiraca ainda este ano. A expectativa é extremamente grande, não só para Arapiraca, mas para todos os municípios circunvizinhos. Instalado o curso de Medicina, será aberta a possibilidade de novos cursos na região, como Nutrição e Farmácia. De repente, iremos criar em Arapiraca uma grande base de formação na área de Saúde.

Para concluir, neste um ano e meio como reitor, o que o senhor destacaria na sua gestão?

Eu diria que iniciamos o ciclo qualitativo da expansão promovida pela gestão anterior. A expansão da Ufal foi gigantesca. Saímos de 2.100 estudantes que ingressam por ano, para 5.200. Com a expectativa de reestruturação dos campos de interior, vamos para 6 mil. Saímos de onze mil estudantes para 33 mil, com a ampliação, a consolidação da pós-graduação e a educação à distância. Hoje, são 1.800 alunos de mestrado e doutorado. São 1.500 professores, 800 doutores. Recentemente, lançamos mais três programas de pós-graduação. Estamos projetando mais três ou quatro programas para este ano. Ao longo dos últimos anos, todos os nossos indicadores estão melhorando. Consolidar a expansão no interior, com a reestruturação dos diversos campus, e qualificar este crescimento é o que tem norteado a minha gestão. ☺